

HISTÓRIA QUE SE CANTA: EDUCAÇÃO CRÍTICA SOBRE A DITADURA A PARTIR DA MÚSICA

Maria Jaciara Lopes Magalhães ¹

Vitória Alves de Sousa ²

Lídia Noemia Silva dos Santos ³

RESUMO

A experiência pedagógica realizada com os alunos do 3º ano do Ensino Médio, turmas A e C, da EEMTI Governador César Cals de Oliveira Filho, em Quixadá, teve como objetivo promover uma abordagem crítica da Ditadura Militar no Brasil por meio da escuta e análise de músicas censuradas durante o regime. A proposta partiu da compreensão de que a arte, especialmente a música, pode ser utilizada como documento histórico e forma de resistência simbólica. Os alunos tiveram contato tanto com as letras das canções quanto com documentos oficiais de censura, o que possibilitou reflexões aprofundadas sobre os mecanismos de repressão e controle do período. No 3º C, o debate foi centrado nas músicas “O bêbado e a equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, e “Tiro ao Álvaro”, de Adoniran Barbosa. Essas canções permitiram compreender, de maneira sensível, como a arte expressava dor, esperança e crítica social. No 3º A, as atividades foram desenvolvidas a partir da apresentação do movimento Tropicália, destacando as músicas “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso, e “Hoje é dia de El Rey”, de Milton Nascimento, ampliando o debate sobre arte, liberdade de expressão e repressão. Ao historicizar as canções, os alunos foram convidados a perceber o contexto autoritário e como os artistas dialogavam com a realidade da época. A composição revelou-se extremamente rica, pois despertou empatia, senso crítico e engajamento político nos estudantes, além de aproximar-los da História de forma significativa e contemporânea. Este escrito busca apresentar as etapas da atividade em ambas as turmas, respeitando suas particularidades, bem como relatar as reações e percepções dos alunos diante do conteúdo musical e histórico trabalhado.

Palavras-chave: Música, Educação histórica, Ditadura Militar, Resistência cultural.

¹ Graduando do Curso de **História** da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central- FECLESC, maria.jaciara@aluno.uece.br;

² Graduando pelo Curso de **História** da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central- FECLESC, vitoriaalves.sousa@aluno.uece.br;

³ Doutora pelo Curso de **História** pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, lidia.noemia@uece.br;

INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), criado em 2007 pelo Ministério da Educação, tem por objetivo fomentar o ingresso e permanência de alunos dos cursos de licenciatura na docência. O programa no curso de História pela FECLESC é integrado por vinte e quatro bolsistas divididos em três núcleos com oito alunos, tendo suas atividades iniciadas a partir de novembro de 2024. No contexto apresentado, no núcleo da EEMTI Governador César Cals de Oliveira Filho, duas bolsistas acompanham as atividades em turmas diferentes, mediante a supervisão da professora Antônia Natália de Lima e coordenação da professora Lídia Noemia Silva dos Santos.

A partir disso, o objetivo deste presente artigo é relatar e analisar duas experiências ocorridas no mês de junho de 2025, experienciadas em duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio, provenientes de uma das intervenções realizadas pelos bolsistas do PIBID. Ao ensinar História o professor constata claramente o quanto a disciplina ainda é subjugada a um lugar de passado, o que acaba afastando o aluno da concepção de que todos ali tem um lugar na sociedade e que a partir da compreensão dos fatos históricos apresentados podemos compreender a realidade em que vivemos. Uma das formas de solucionar esse problema seria a utilização de fontes diversificadas, que além de dinamizar as aulas fazem com que os alunos entendam que a História vai além do passado e está no nosso dia-a-dia, em tudo que produzimos e sentimos, aliás a História não estuda apenas o passado, mas o homem durante todo o tempo, como define Marc Bloch (2002, p.79), “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. Outro objetivo deste relato é justamente analisar o uso de uma dessas fontes, a música no ensino de História, algo que está tão presente no cotidiano dos alunos e que retrata tão bem as sociedades, momentos históricos, sistemas e épocas de que ela faz parte, com a música viajamos no tempo apenas ao escutar, na experiência relatada viajamos até a Ditadura Militar, testemunhamos os sentimentos e pensamentos de quem participou deste momento, com a música conseguimos atestar a repressão, censuras, exílios, torturas, mas podemos também observar a esperança de um povo, podemos ver a roda girar pouco a pouco, até que um momento acabe e dê lugar a outro.



METODOLOGIA

O presente relato de experiência foi realizado junto às turmas do 3º ano “A” e 3º ano “C”. A metodologia utilizada seguiu uma abordagem qualitativa, com caráter descritivo e reflexivo, tendo como objetivo central da experiência proporcionar aos estudantes a compreensão crítica do período da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985), por meio da análise de produções artísticas censuradas, destacando a música como forma de resistência, memória e denúncia social. À vista disso, a proposta desenvolvida teve como objetivo aproximar o conteúdo histórico da vivência dos alunos, utilizando ferramentas que valorizam a participação, a escuta e o diálogo. Portanto, a ideia foi proporcionar um ambiente em que os estudantes se sentissem parte do processo de aprendizagem, construindo o conhecimento de forma coletiva e significativa. Essa perspectiva dialoga com o que defende Moran (2015), ao afirmar que a aprendizagem se torna mais eficaz quando o aluno é protagonista e está inserido em situações reais, que fazem sentido para ele. Freire (1996) também reforça essa visão ao dizer que ensinar é criar oportunidades para que os educandos construam o saber a partir de suas próprias experiências e contextos. Nesse sentido, utilizar músicas censuradas durante a Ditadura Civil-Militar foi uma escolha que permitiu tratar de temas complexos por meio de uma linguagem mais próxima dos estudantes, despertando a sensibilidade e o pensamento crítico. Identicamente, Bacich e Moran (2018) também apontam que as metodologias ativas vão além de técnicas: representam uma mudança na postura docente, em que o professor deixa de ser apenas transmissor e passa a ser mediador do processo de aprendizagem. Com essa proposta, acredito que conseguimos não só abordar o conteúdo curricular, mas também estimular uma reflexão mais profunda sobre memória, resistência e liberdade, contribuindo para a formação de uma consciência histórica mais crítica e cidadã.

O momento na turma de 3º ano “A” ocorreu na última aula referente ao conteúdo Ditadura Militar, os alunos já haviam estudado todo o conteúdo, desde termos chaves para a compreensão do tema como golpe, ditadura, regime e democracia, até os horrores decorrentes da repressão e como a sociedade reagiu perante isso. A aula consistiu em dois momentos, aqui será relatado e discutido o primeiro momento, no qual o foco foi a música e como ela influenciou e foi influenciada pelo momento no qual estava inserida. Inicialmente os bolsistas apresentaram aos alunos o Movimento Tropicalista, ou Tropicália, citando o momento que marcou seu início, algumas características do movimento, os cantores e cantoras que





participaram e, por fim, as consequências e repercussão desse acontecimento. O segundo momento se deu pela apresentação das músicas “*Alegria, alegria*” (Caetano Veloso) e “*Hoje é dia de El Rey*” (Milton Nascimento), após ouvirem as músicas os alunos destacaram quais trechos chamaram sua atenção e como eles podem se relacionar com o que haviam estudado.

A atividade desenvolvida com a turma do 3º ano “C” foi cuidadosamente organizada em três momentos complementares, buscando articular conhecimento histórico, sensibilidade estética e reflexão crítica. No primeiro momento, os estudantes foram convidados a participar de uma contextualização histórica dialogada sobre o regime militar brasileiro e os mecanismos de censura às manifestações artísticas, momento em que puderam compreender de que forma a arte se tornava alvo e, ao mesmo tempo, instrumento de resistência. Esse debate foi enriquecido pelo uso de recursos audiovisuais, documentos da época e trechos de obras censuradas, favorecendo uma imersão mais significativa no clima político e cultural do período. Na segunda etapa, os alunos se engajaram na análise crítica das canções “*O bêbado e a equilibrista*” (João Bosco e Aldir Blanc) e “*Tiro ao Álvaro*” (Adoniran Barbosa), observando como, sob o véu da metáfora e da sutileza poética, emergiram mensagens de esperança, denúncia e contestação social. A leitura das letras, acompanhada da escuta atenta das músicas, despertou interpretações plurais e emocionadas, permitindo que os jovens percebessem o poder simbólico da canção popular como forma de resistência política e preservação da memória coletiva. Por fim, a roda de conversa representou o ápice do processo formativo, ao proporcionar um espaço de partilha de sentidos e construção coletiva de conhecimento. Nesse momento, os estudantes relacionaram as canções ao contexto de repressão e às formas contemporâneas de silenciamento social, reconhecendo a arte como território de expressão, memória e luta democrática. O diálogo entre passado e presente, mediado pela música, revelou-se, assim, um caminho potente para compreender a história não como algo distante, mas como uma experiência viva, sensível e transformadora.

Essa prática evidencia a potência das metodologias participativas no ensino de História, ao transformar a sala de aula em um espaço de diálogo, escuta e construção coletiva do saber. Mais do que transmitir conteúdos, ela possibilita que os estudantes assumam o protagonismo no processo de aprendizagem, reconhecendo-se como sujeitos históricos capazes de interpretar o passado a partir de suas próprias experiências e percepções do presente. Ao exercitarem a leitura crítica dos acontecimentos e das manifestações culturais, os alunos desenvolvem não apenas uma consciência histórica sensível e reflexiva, mas também uma postura ética e cidadã diante das múltiplas formas de poder, resistência e memória que





compõem a sociedade. Nesse sentido, o ensino torna-se uma prática viva e emancipatória, na qual compreender a história é também um gesto de pertencimento, empatia e transformação social.



(Fonte: Arquivo pessoal Vitória Alves)



(Fonte: Arquivo pessoal Jaciara Magalhães)



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência mostrou o quanto a arte pode ser um recurso pedagógico poderoso no ensino de História, especialmente ao tratar de períodos de repressão política. O estudo de músicas censuradas durante a Ditadura Militar permitiu que os alunos percebessem a arte não apenas como expressão de sentimentos de dor e esperança, mas também como um importante instrumento de resistência e denúncia.

As discussões em sala revelaram que muitos desconheciam a dimensão da censura daquele período, e a atividade abriu espaço para reflexões sobre liberdade de expressão e democracia, aproximando passado e presente. A música, nesse sentido, tornou-se um elo afetivo com o conteúdo, ajudando a transformar o estudo da História em algo mais vivo e significativo.

Outro aspecto marcante foi o protagonismo dos estudantes, que se engajaram no debate, levantaram interpretações próprias e relacionaram metáforas das canções ao contexto histórico. Essa participação ativa favoreceu a leitura crítica e o entendimento da música como fonte histórica, carregada de significados culturais e políticos.

A música como fonte histórica da época e como auxiliar ao ensino de história possibilitou que os alunos pudessem ver e discutir na prática o que já haviam visto por meio da teoria, um momento que não deve ser lido como contrário ao ensino tradicional, mas como complementar às aulas de história, permitindo que o aluno se aproxime com o que está estudando e reconheça como esses acontecimentos históricos reverberam em nossa atualidade, adquirindo um senso crítico sobre sua própria realidade.

Os resultados obtidos foram bastante significativos e ultrapassaram o campo puramente cognitivo. Observou-se que os alunos ampliaram de maneira sensível e crítica a compreensão sobre o período da ditadura militar, não apenas reconhecendo fatos históricos, mas também percebendo os impactos humanos e culturais de um regime marcado pelo silenciamento e pela repressão. O engajamento dos estudantes durante as discussões foi notável: demonstraram curiosidade, empatia e capacidade de estabelecer conexões entre passado e presente, o que revelou um aprendizado vivo e afetivamente implicado. Muitos se mostraram profundamente tocados pelas histórias de censura e resistência artística, reconhecendo na música um canal legítimo de expressão, denúncia e esperança. Esse movimento de sensibilização foi





acompanhado pela formação de vínculos afetivos com o tema, tornando a aprendizagem mais significativa e pessoal.

Dessa forma, a experiência evidenciou que trabalhar com músicas censuradas constitui uma prática pedagógica potente, capaz de articular conhecimento histórico, reflexão crítica e valorização da memória coletiva. Ao aproximar os estudantes das vozes silenciadas da história, a atividade reafirmou o papel da escola como espaço de formação cidadã e de resistência simbólica, onde a arte se transforma em ponte entre a emoção e o pensamento, entre o passado e a construção de um futuro mais consciente e democrático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência realizada na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Governador César Cals de Oliveira Filho revelou, de maneira sensível e concreta, o potencial transformador das metodologias ativas no ensino de História, sobretudo quando estas se articulam com recursos culturais e expressivos, como a música. Ao trabalhar com canções censuradas durante a Ditadura Militar, foi possível oferecer aos estudantes não apenas o acesso a um conteúdo histórico, mas também a vivência de uma experiência estética e reflexiva, capaz de aproximar o passado das inquietações do presente.

As letras e melodias, carregadas de simbolismo e resistência, tornaram-se portas de entrada para o debate sobre liberdade de expressão, memória e direitos humanos, estimulando a empatia, o pensamento crítico e a valorização das vozes silenciadas pela censura. Essa abordagem ampliou o interesse e o engajamento dos alunos, que passaram a se reconhecer como participantes ativos do processo de aprendizagem, relacionando o conteúdo histórico com suas próprias vivências e percepções de mundo.

Nesse percurso, o PIBID desempenhou um papel fundamental enquanto espaço de formação docente viva, crítica e colaborativa. Ao promover a inserção dos licenciandos em experiências pedagógicas inovadoras, o programa consolidou a integração entre universidade e escola, fortalecendo um diálogo que ultrapassa os muros acadêmicos e alcança a sala de aula como lugar de transformação social. Essa vivência formativa permitiu que futuros professores desenvolvessem uma prática ancorada em valores democráticos, sensibilidade pedagógica e compromisso com a construção da consciência histórica dos estudantes.

Conclui-se que a articulação entre metodologias participativas e a formação proporcionada pelo PIBID contribui decisivamente para um ensino mais significativo, humano e emancipador. Ao unir teoria, prática e afeto, a experiência reafirma o papel da

educação como instrumento de resistência, cidadania e formação de sujeitos críticos e socialmente engajados.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian. *Formação continuada de professores para o uso de metodologias ativas*. In: BACICH, L.; MORAN, J. (orgs.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018, p. 129-152.

BLOCH, Marc. “Apologia da História ou O ofício de historiador”. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. *Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica*. Revista *Thema*, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MORAN, José M. *Mudando a educação com metodologias ativas*. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. (orgs.). *Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Ponta Grossa: UEPG/Proex, 2015, p. 15-33.

Metodologias ativas: práticas pedagógicas na contemporaneidade. Andrade Júnior, Jacks de Mello; Souza, Liliane Pereira de; Silva, Neidi Liziane Copetti (orgs.). Campo Grande: Editora Inovar, 2019.

PIMENTEL, Florinda Cerdeira. *A música como fonte de pesquisa histórica no Ensino Médio*. Caderno Intersaber, Curitiba, v. 11, n. 31, p. 164-176, 2022.